

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN

ATÉ O FIM

Uma noite trágica. Uma vida inteira de segredos.





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Harlan Coben

ATÉ O FIM



Pour Anne
A ma vie de coer entier

nota do autor

NA MINHA JUVENTUDE NOS subúrbios de Nova Jersey, circulavam dois boatos sobre minha cidade natal.

O primeiro era que um famoso chefe da máfia habitava um palacete protegido por guardas armados e que, nos fundos da casa, um incinerador talvez fosse usado como crematório.

O segundo, que inspirou este livro, era que, adjacente à propriedade do suposto chefe, próximo a um colégio, do outro lado de uma cerca de arame farpado e várias placas de **PROPRIEDADE PARTICULAR**, havia uma base de mísseis antiaéreos Nike com munição nuclear.

Anos mais tarde, descobri que os dois boatos eram verdade.

DAISY ESTAVA USANDO UM vestido preto colado ao corpo com um decote tão profundo que poderia dar aulas de filosofia.

Ela localizou seu alvo na ponta do balcão, vestindo um terno risca de giz cinza. Humm... O cara tinha idade para ser seu pai. Isso talvez dificultasse o jogo ou... talvez não. Caras mais velhos eram sempre uma incógnita. Alguns, sobretudo os recém-divorciados, precisavam provar que ainda não haviam perdido o poder de fogo, mesmo que isso nunca tivesse existido.

Especialmente quando nunca tinha existido.

Ao atravessar o salão do bar, Daisy teve a impressão de que os olhares masculinos subiam pelas suas pernas nuas. Na extremidade do balcão, ela caprichou no charme e se acomodou no banco ao lado do alvo.

O homem encarava seu copo de uísque como uma cigana diante da bola de cristal. Daisy ficou esperando que ele se virasse para vê-la. Não virou. Por um instante ela observou o perfil dele. A barba era espessa e grisalha. O nariz era tão largo que parecia um molde de silicone feito para um filme de Hollywood. Os cabelos eram compridos, desgrenhados, lembravam um esfregão.

Segundo casamento, calculou Daisy. Provavelmente, segundo divórcio.

Dale Miller (esse era o nome do alvo) ergueu seu uísque com as duas mãos como se estivesse segurando um passarinho ferido.

– Oi – disse Daisy, jogando os cabelos para o lado com um trejeito já muito praticado.

Miller virou a cabeça para encará-la. Daisy esperou que o homem baixasse o olhar para o decote (poxa, com aquele vestido até as mulheres faziam isso), mas ele não o fez.

– Oi – replicou, e voltou sua atenção para o uísque.

De modo geral, Daisy esperava que os alvos tomassem a iniciativa. Essa era sua técnica de praxe. Dava “oi”, sorria e os caras ofereciam uma bebida. A velha história de sempre. Mas Miller não parecia a fim de papo. Deu um gole demorado no uísque, depois outro.

Isso era bom. Quanto mais ele bebesse, melhor. Facilitaria bastante as coisas.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou ele.

“Tosco”, pensou Daisy. Era a palavra mais adequada para descrevê-lo. Ape-

sar do terno, Miller tinha aquele ar casca-grossa de motoqueiro, veterano do Vietnã, uma voz grave e áspera. Era o tipo de coroa que ela estranhamente achava sexy, talvez por conta de suas questões paternas mal resolvidas. Daisy gostava de homens que a faziam se sentir segura.

Fazia tempo que ela não encontrava um.

“Hora de mudar de tática”, pensou.

– Você se importa se eu ficar aqui do seu lado um pouquinho? – Inclinando-se na direção dele, deixou o decote bem à mostra e sussurrou: – Um cara aí está me...

– Incomodando?

Ótimo. Ele não falou como um babaca machão, como aqueles tantos que já haviam cruzado seu caminho. Falou de um jeito calmo, casual, até mesmo cavalheiresco. Como um homem que queria protegê-la.

– Não, não... Não é bem isso.

Miller correu os olhos pelo bar.

– Quem é ele?

Daisy pousou a mão no braço de Dalen.

– Não é nada grave. Juro. É que... eu me sinto mais segura aqui do seu lado, entendeu?

Miller encarou-a novamente. O nariz não combinava com o restante do rosto, mas quase passava despercebido devido aos penetrantes olhos azuis.

– Claro – disse ele, mas num tom cauteloso. – Quer beber alguma coisa?

Era dessa brecha que ela precisava. Daisy era boa de papo e, cedo ou tarde, os homens acabavam se abrindo com ela, fossem solteiros, casados ou candidatos ao divórcio. Dale Miller demorou um pouco mais que o normal. Salvo engano, já estava no quarto uísque quando começou a falar sobre a iminente separação de Clara, sim, a segunda mulher, dezoito anos mais nova. (“Eu devia ter imaginado. Sou uma besta mesmo.”) No uísque seguinte, contou sobre os dois filhos, Ryan e Simone, a batalha pela guarda e seu emprego na área de finanças.

Daisy também precisava se abrir. Era assim que a coisa funcionava: dar linha para fisgar depois. Já tinha uma história pronta para essas ocasiões (totalmente fictícia, claro), mas algo no comportamento de Miller a deixou predisposta a incluir algumas pitadas de sinceridade. Mesmo assim, ela nunca contaria a verdade. Ninguém a conhecia, exceto Rex. E nem ele sabia de tudo.

Miller bebeu o uísque. Daisy deu um pequeno gole na sua vodca, não

queria se embriagar. Já tinha ido ao banheiro duas vezes para esvaziar o copo na pia e enchê-lo de água. Mesmo assim, já estava meio tonta quando recebeu a mensagem de Rex.

P?

P de “Pronta”.

– Algum problema? – perguntou Miller.

– Não. Um amigo, só isso.

Ela respondeu com um S de “Sim” e voltou a atenção para ele. Esse era o momento em que costumava sugerir ao alvo que fossem para outro lugar mais tranquilo. A maioria não pensava duas vezes (nesse departamento os homens eram totalmente previsíveis), mas Daisy temia que essa abordagem mais direta não funcionasse com Dale Miller. Ele até estava interessado, não era esse o problema, só que por algum motivo parecia... como dizer?... parecia estar além dessas coisas, num nível superior.

– Posso pedir um favor? – arriscou Daisy.

Miller riu.

– Já pedi um monte de favores hoje.

O homem falava engrolado. Ótimo.

– Você está de carro? – perguntou ela.

– Estou. Por quê?

Daisy olhou à volta, depois continuou:

– Será que... você se incomodaria de me levar até em casa? Não moro longe.

– Claro, nenhum problema. Só preciso de um tempinho. Acho que bebi mais do...

Daisy desceu da banqueta.

– Tudo bem. Vou a pé.

Miller se sobressaltou.

– Espere! O que houve?

– É que... preciso ir pra casa agora. Se você não está em condições de dirigir...

– Não, não – retrucou ele, levantando-se com alguma dificuldade. – Vou levá-la agora.

– Se não for incômodo...

– Incômodo nenhum.

Bingo. Caminhando em direção à porta, Daisy rapidamente mandou uma mensagem para Rex:

AC

Código para: “A caminho.”

Alguém poderia dizer que se tratava de um golpe, mas Rex insistia que aquilo era “dinheiro limpo”. Daisy não tinha tanta certeza assim, porém também não se sentia muito culpada. O plano era simples, tanto na ideia quanto na execução. Um casal está se separando. A briga é feita pela guarda dos filhos. O desespero é geral. Para vencer a guerra de foices, a mulher (tecnicamente o marido também pode fazer isso, mas geralmente é a mulher) contrata os serviços deles. E o que eles fazem?

Incrimina o marido com uma ação de embriaguez ao volante.

Nada melhor para provar a inadequação de um homem como pai, certo?

Então era assim que funcionava. Daisy tinha duas funções: garantir que o alvo estivesse embriagado, depois colocá-lo ao volante de um carro. Rex, que era da polícia, parava o automóvel, prendia o alvo e, pronto!, a contratante ganhava um belo impulso no processo de divórcio. Naquele momento, Rex já esperava por Dale Miller numa viatura a dois quarteirões de distância. Sempre encontrava um lugar mais ermo nas imediações do bar em que o alvo estivera bebendo. Quanto menos testemunhas, melhor. Eles não queriam saber de perguntas.

O negócio era parar o cara, prendê-lo e tchau.

Trocando as pernas, Miller saiu com Daisy para o estacionamento.

– Vem – chamou. – Meu carro está logo ali.

O piso do estacionamento era de cascalho. Miller foi chutando as pedrinhas enquanto conduzia Daisy para um Toyota Corolla cinza. Ele apertou o botão do controle. O carro apitou duas vezes. Daisy ficou confusa ao vê-lo seguir para a porta do carona. O que ele pretendia? Que *ela* dirigisse? Caramba, tomara que não. Ou será que ele estava mais bêbado do que ela imaginava? Mais provável. Mas ela logo viu que não era nem uma coisa nem outra.

Dale abriu a porta para ela, como um legítimo cavalheiro. O primeiro que Daisy via em muito tempo. Por isso ela sequer havia cogitado a possibilidade daquela gentileza.

Ele ficou esperando até que ela se acomodasse no banco, e só então fechou a porta.

Daisy sentiu uma pontada de culpa.

Rex vivia dizendo que eles não faziam nada ilegal ou eticamente questionável. Para início de conversa, nem sempre o plano dava certo. Muitos homens não frequentavam bares. “Esses não têm nada a temer”, afirmou Rex certa vez. “Mas, se o cara já está lá, tomando todas... a gente dá um empurrãozinho, só isso. Ninguém o obriga a sair dirigindo bêbado por aí. A decisão é do cara. Ninguém está apontando uma arma pra cabeça dele.”

Daisy afivelou o cinto de segurança. Dale fez o mesmo, depois deu partida no Corolla e saiu de ré, os pneus passando pelo cascalho com um som de trituração. Assim que deixou a vaga, Miller parou o carro e ficou olhando para Daisy por um bom tempo. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

– O que você está escondendo, Daisy? – perguntou ele.

Ela sentiu um frio na espinha e não respondeu.

– Alguma coisa aconteceu com você. Está escrito na sua testa.

Sem saber o que fazer, Daisy tentou levar a coisa na brincadeira.

– Que nada, Dale. Conteí toda a história da minha vida lá no bar.

Miller ainda a encarou por mais um segundo ou dois, mas para ela foi uma eternidade. Por fim olhou para a frente e arrancou. Não falou mais nada enquanto eles saíam do estacionamento.

– Vire à esquerda – orientou Daisy, ouvindo o nervosismo na própria voz. – Depois, segunda à direita.

Ainda mudo, Miller foi fazendo as curvas com todo o cuidado, como agem os motoristas que beberam além da conta e não querem ser parados pela polícia. O carro não tinha nada de especial, nada que chamasse a atenção. Estava limpinho, tinha um cheiro forte de aromatizante. Quando Miller dobrou a segunda à direita, Daisy prendeu o fôlego e ficou esperando pelas sirenes e luzes da viatura de Rex.

Para ela, esse era sempre o momento mais perigoso. Nunca dava para prever a reação dos motoristas. Um deles havia tentado fugir às pressas, parando pouco depois ao perceber a inutilidade do que estava fazendo. Alguns começavam a xingar. Outros (mais do que ela poderia imaginar) começavam a chorar. Esses eram os piores. Homens maduros que pouco antes estavam passando suas cantadas, alguns até mesmo com a mão sob o vestido dela, e de repente desandavam a chorar feito criancinhas no jardim de infância.

Percebiam imediatamente o tamanho da burrice que tinham feito. E ficavam arrasados.

Daisy não sabia o que esperar de Dale Miller.

Rex tinha a pontualidade de um suíço: como se obedecendo a uma deixa, surgiu do nada com as luzes azuis do giroflex e a sirene da viatura a pleno vapor. Daisy virou-se para avaliar a reação de Miller. Ele parecia calmo, até mesmo determinado. Teve o cuidado de dar seta antes de encostar o carro à frente de Rex.

A sirene emudeceu, mas as luzes continuaram girando.

Miller deixou o carro em ponto morto e olhou para Daisy. Ela não sabia ao certo que cara fazer. De surpresa? De empatia? Um olhar de “E agora?” e suspirar?

– Não tem jeito – comentou Miller. – Não dá pra gente fugir do passado, dá?

As palavras, e o tom em que foram ditas, deixaram Daisy desconcertada. Sua vontade era gritar para que Rex acabasse logo com aquilo, mas ele vinha caminhando sem pressa, como sempre faziam os policiais. Dale ainda a encarava quando ouviu a batida no vidro às suas costas. Só então baixou a janela.

– Algum problema?

– Documentos, por favor.

Miller entregou a habilitação e os documentos do carro.

– Por acaso o senhor bebeu esta noite, Sr. Miller?

– Uma dose, só isso.

Pelo menos ele era idêntico a todos os outros alvos que sempre mentiam.

– O senhor se importaria de sair do carro um instante?

Miller encarou Daisy outra vez, e ela fez o possível para não se encolher. Seguiu olhando para a frente, fugindo do contato visual.

– Senhor? – chamou Rex. – Pedi que o senhor...

– Claro, claro.

Dale entreabriu a porta, fazendo acender a luz no teto do carro. Daisy fechou os olhos por um instante. Ele desceu com um grunhido, mantendo a porta aberta. Rex se adiantou para fechá-la, mas deixou a janela como estava, de modo que Daisy pudesse ouvir a conversa entre os dois.

– Sr. Miller, eu gostaria de fazer algumas perguntas como teste de sobriedade.

– Podemos pular essa parte – disse Miller.

– Perdão?

– Por que não vamos direto pro bafômetro? Não é melhor?

A proposta tomou Rex de surpresa. Ele olhou discretamente para Daisy, que deu de ombros, confusa também.

– O senhor tem um bafômetro na viatura, não tem? – prosseguiu Miller.

– Tenho.

– Nesse caso, por que não poupamos o tempo de todo mundo? O seu, o meu e o da senhorita no carro.

Rex hesitou um segundo, depois respondeu:

– Claro, vou buscar.

– Ok.

Assim que Rex deu as costas, Miller sacou a arma e atirou duas vezes na nuca dele. Viu o policial desabar no chão, então virou a arma na direção de Daisy.

“Eles voltaram”, pensou ela. “Depois de tantos anos, acabaram me encontrando.”

capítulo 1

ESCONDO O TACO DE beisebol atrás da perna de modo que Trey (ou pelo menos suponho que seja ele) não o veja.

O suposto Trey vem gingando na minha direção com seu bronzamento artificial, uma franja emo e tatuagens tribais que enlaçam o bíceps inchado e não significam nada. Ellie o descreveu como “um xis-tudo da babaquice”. Exatamente como o cara que vem vindo.

Mesmo assim, preciso ter certeza.

Ao longo dos anos, desenvolvi uma técnica dedutiva bem bacana para saber se estou diante da pessoa certa. Vejam e aprendam.

– Trey?

O imbecil para, capricha na testa franzida de homem das cavernas e pergunta:

– Quem quer saber?

– Você espera que eu diga o quê? “Eu”?

– Hã?

Suspiro. Está vendo, Leo, o tipo de imbecil com que sou obrigado a lidar?

– Você perguntou quem queria saber, não perguntou? – continuo. – Como se estivesse com medo de responder. Se eu o tivesse chamado de Mike, sei lá, você não teria dito “Você está me confundido, cara”? Quando respondeu “Quem quer saber?”, confirmou que realmente é o Trey.

Você devia estar lá para ver a cara de espanto do sujeito.

Dou um passo adiante, ainda escondendo o taco.

Trey posa de gângster, mas posso sentir o medo que ele exala feito ondas de calor. Não chega a ser surpresa. Sou um cara relativamente grande, não uma mulher de 1,50 metro que ele pode intimidar para se sentir superior.

– O que você quer?

– Conversar – respondo.

– Sobre o quê?

Uso apenas uma das mãos, porque assim é mais rápido. O taco acerta o joelho do cara como um chicote. Ele grita, mas não cai. Agora seguro o taco com as duas mãos. Lembra-se, Leo, daquilo que o técnico Jauss falava quando a gente jogava na Liga Júnior? “Taco pra trás, cotovelo pra cima.” Esse era o mantra dele. Quantos anos a gente tinha? Nove, dez? Não importa. Faça

exatamente como Jauss ensinou. Levo o taco lá para trás, ergo o cotovelo e dou mais um golpe.

A madeira aterrissa no mesmo joelho.

Trey desaba como se tivesse levado um tiro.

– Por favor...

Erguendo o taco bem acima da cabeça, como se tivesse um machado nas mãos, miro outra vez o joelho do sujeito, depois concentro todo o peso do corpo e toda a alavancagem contra ele. Algo se parte quando a porrada o acerta. Trey uiva de dor. Levanto o taco novamente. A essa altura, o homem está com as mãos no joelho, tentando protegê-lo. Paciência. Não posso dar mole, posso?

Agora miro o tornozelo. Quando recebe a tacada, o osso afunda sob a força do golpe. O barulho é parecido com o de uma bota pisoteando gravetos secos.

– Você nunca viu minha cara – digo. – Se der com a língua nos dentes, volto pra te matar.

Não espero pela resposta.

Lembra, Leo, quando papai levou a gente para o nosso primeiro jogo da Liga Profissional? Yankee Stadium. Cadeiras pertinho do campo, bem na frente da terceira base. Ficamos de luva o jogo todo na esperança de que uma bola perdida viesse na nossa direção. Não veio bola nenhuma, claro. Lembro-me do jeito que o papai tinha de olhar para o alto com seu Ray-Ban Wayfarer e o sorrisinho no rosto. Não tinha ninguém mais *cool* do que ele, tinha? Sendo francês, ele não conhecia as regras do jogo. Era o primeiro dele também, mas papai não estava nem aí, lembra? O importante era estar com os filhos gêmeos.

Isso sempre bastou para ele.

Três quarteirões adiante, jogo o taco na caçamba de lixo de uma loja de conveniência. Usei luvas para não deixar digitais. O taco foi comprado anos antes num bazar de garagem perto de Atlantic City. Impossível vinculá-lo a mim. Não que eu esteja preocupado. A polícia não vai se dar ao trabalho de vasculhar uma caçamba de lixo cheia de copos de milk-shake de framboesa só para ajudar um idiota feito Trey. Nos programas de TV, pode ser que sim. Na vida real, o ataque seria classificado como uma briga particular, algum drogado que se desentendeu com o traficante, alguém que não pagou suas dívidas de jogo ou qualquer outra coisa que fazia daquela surra um castigo mais do que merecido.

Atravesso a rua e faço um caminho de rato até a vaga onde deixei o carro. Estou usando um boné preto dos Brooklyn Nets e procuro manter a cabeça baixa. Como disse antes, não creio que a polícia vá levar este caso a sério, mas sempre tem aquele novato que vai atrás das imagens da câmera de segurança.

Não custa nada me precaver.

Pego meu carro, sigo para a Interestadual 280 e volto direto para Westbridge. O celular toca. Ellie chamando. Como se soubesse o que andei aprontando. Ela é minha consciência em forma de gente. Ignoro a chamada.

Westbridge é aquele típico subúrbio do Sonho Americano que a mídia talvez qualifique como “bem família”, “abastado” ou até mesmo “privilegiado”, mas nunca “chique”. Tem churrascos do Rotary Club, carnavais do Kiwanis Club, paradas de Quatro de Julho, feirinhas de orgânicos nas manhãs de sábado. A garotada ainda vai de bicicleta para a aula. Todo mundo comparece às partidas de futebol americano locais, sobretudo quando o adversário é a escola de Livingston, nossa grande rival. Os jogos da Liga Júnior de beisebol ainda são muito concorridos. Faz anos que o técnico Jauss morreu, mas deram o nome dele a um dos campos.

Ainda passo por lá, só que agora numa viatura. Isso mesmo, *aquele* policial agora sou eu. Lembro-me de você, Leo, na direita do campo externo. Você não gostava de beisebol (agora sei disso), mas sabia que eu não jogaria se você não jogasse também. Alguns veteranos ainda comentam sobre meus arremessos imbatíveis na semifinal do campeonato estadual. Você não era bom o suficiente para ser convocado, então os cartolas da Liga Júnior o colocaram como responsável pelas estatísticas. Acho que fizeram isso só para me agradar. Na época eu não percebi.

Você sempre foi o mais inteligente de nós dois, Leo, o mais maduro, então provavelmente percebeu.

Chego em casa e deixo o carro diante da garagem. Meus vizinhos Tammy e Ned Walsh (na minha cabeça o cara é o Ned Flanders de *Os Simpsons* porque tem um bigodão e um jeito exageradamente afável) estão limpando suas calhas. Ambos acenam para mim.

– E aí, Nap?

– Oi, Ned. Oi, Tammy.

Sou assim, sempre simpático. O vizinho perfeito. Aliás, sou a espécie mais rara nas periferias metropolitanas da atualidade, onde um homem heterossexual, solteiro e sem filhos talvez seja uma ocorrência tão incomum quanto

um cigarro numa clínica. Portanto, tento ao máximo me fazer passar por um cara normal, pacato e confiável.

Inofensivo.

Papai morreu faz cinco anos, então é bem provável que alguns vizinhos me vejam como um daqueles esquisitões reclusos que nunca saem da casa dos pais, algo como o Boo Radley de *O sol é para todos*. É por isso que procuro caprichar às vezes na manutenção da casa. É por isso que trago mulheres para exibi-las, mesmo sabendo que a relação não tem futuro nenhum.

Houve um tempo em que um cara como eu seria visto como um excêntrico charmoso, um solteirão convicto. Hoje, no entanto, acho que os vizinhos ficam preocupados, temendo que eu seja um pedófilo ou algo assim. Então faço o possível para tranquilizá-los.

Muitos conhecem a nossa história, então devem achar natural que eu não tenha me mudado.

Ainda estou acenando para Ned e Tammy.

– E o time do Brody, como tem se saído? – pergunto.

Nada disso me interessa, mas preciso cuidar da imagem.

– Oito vitórias, uma derrota – responde Tammy.

– Excelente!

– Por que você não vai ao jogo da próxima quarta?

– Eu iria adorar.

Tanto quanto adoraria ter um rim removido com uma colher de sobremesa.

Dou um último sorriso, novamente aceno feito um idiota e entro em casa. Não durmo mais no nosso quarto, Leo. Desde aquela noite não consigo nem olhar para o nosso velho beliche (sempre digo “aquela noite” porque não consigo engolir “suicídio duplo” ou “morte acidental”, nem mesmo “assassinato”, embora ninguém considere essa possibilidade). Passei a dormir no andar de baixo, naquele cômodo que a gente chamava de “escritório”. Aliás, um de nós devia ter feito isso muito antes. Nosso quarto tinha um tamanho bom para duas crianças, não para dois marmanjos adolescentes.

Mas nunca me importei com isso. Acho que você também não.

Quando papai morreu, passei para o quarto de casal. Ellie me ajudou a converter nosso velho cômodo num home office com aqueles módulos de laca branca, um estilo que ela chama de “Casa de Fazenda Moderna e Urbana”. Até hoje não sei o que isso significa.

Subo para o quarto e estou tirando a camisa quando a campainha toca. Imagino que seja alguma entrega dos correios. São os únicos que aparecem

de repente, sem ligar antes. Então não me dou ao trabalho de descer. Quando a campainha toca outra vez, tento lembrar se encomendei algo que exija minha assinatura. Não me recordo de nada. Olho pela janela.

Polícia.

Eles estão à paisana, mas eu sempre sei, talvez pela postura, as roupas ou, sei lá, qualquer outra coisa mais sutil. Não creio que seja apenas porque também sou um deles. São dois, um homem e uma mulher. Por um instante fico achando que tem algo a ver com Trey (a dedução mais lógica, certo?), mas numa olhada rápida percebo uma placa da Pensilvânia no carro deles, um sedã sem identificação, só que obviamente da polícia, como se alguém tivesse pichado a lataria anunciando isso.

Rapidamente, visto um moletom cinza e dou uma conferida no espelho. A única palavra que me vem à cabeça é “esplêndido”. Bem, não é a única, mas digamos que sim. Desço correndo e abro a porta.

Nunca imaginei o que ia encontrar do outro lado.

Nunca imaginei, Leo, que aquela porta aberta me levaria novamente até você.